

## Modos De Descrição Na Imprensa Popular Da Alemanha E Do Brasil: Categorias Para Análise Das Maneiras De Descrever

## Description Modes In Popular Newspapers Of Germany And Brazil: Categories For Analysis Of The Ways To Describe

**Poliana Coeli Costa Arantes**

Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais

Professora da Universidade Federal de Minas Gerais

Email: [polianacoeli@yahoo.com.br](mailto:polianacoeli@yahoo.com.br)

**Endereço: Poliana Coeli Costa Arantes**

Endereço institucional: Instituto de Letras - UERJ Rua São Francisco Xavier, 524 (11º.Andar) Rio de Janeiro/RJ.

**Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho**

**Artigo recebido em 04/05/2015. Última versão recebida em 26/05/2015. Aprovado em 27/05/2015.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação**

## RESUMO

O presente artigo pretende analisar como a imprensa autodenominada popular inserida em dois universos socioculturais divergentes, o alemão e o brasileiro, descrevem acontecimentos e fatos noticiados. A partir do referencial teórico da análise do discurso de vertente francesa, partindo-se da metodologia de análise dos modos de organização do discurso descritivo, é que buscamos construir o percurso metodológico em que as análises das duas mídias em questão serão baseadas. Os objetos de análise foram constituídos de amostras de jornais cujas tiragens são as mais expressivas nos dois países em questão, a saber: “Super Notícia” (representante escolhido do jornal popular brasileiro) e “*BILD Zeitung*” (representante do *Boulevardzeitung* alemão). Os procedimentos de descrição são processos linguístico-discursivos importantes para a identificação dos valores e das formas argumentativas presentes e acessíveis na materialidade linguística. Assim, as atividades de descrição e argumentação encontram-seem camadas sedimentares que se comunicam, criando um todo textual que pode nos fornecer pistas sobre possíveis efeitos de sentido construídos e imagens de leitor projetadas.

**Palavras-chave:** Análise do discurso. Mídias populares. Modos de organização do discurso.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze how the popular media in two divergent socio-cultural realities (German and Brazilian) describes the events and facts reported by the descriptive way present in their discourse. The analysis will be done through the qualitative theory of “Modos de Organização do Discurso” (Modes of Discourse Organization) and the object of analysis will consist of samples of news papers, whose daily publications are the most significant in the two countries concerned, namely: “Super Notícia” (representative of popular Brazilian newspaper) and “*BILD Zeitung*” (German representative *Boulevardzeitung*). The following description of linguistic-discursive processes is important for the identification of values and forms of argumentation that the interlocutor wants to communicate. Thus, the activities of description and argumentation are closely linked and provide hypotheses on the ideological content of the conveyed messages.

**Keywords:** Discourse analysis. Popular media. Speech modes of organization.

## 1 INTRODUÇÃO

Gostaríamos de salientar que considerar os modos de organização do discurso separadamente de outros modos necessita e deveria ser problematizado, pois separar essa categoria dos demais modos de organização pode desencadear uma série de questionamentos e problemas que devem ser levantados, em especial, o que se refere à dificuldade de separar os elementos da descrição das formas de enunciar. O modo de organização descritivo enfrentaria, portanto, três desafios determinantes para sua classificação. O primeiro deles seria a indefinição de fronteiras claras entre o que seria narrar e descrever, pois esses dois modos de organização do discurso estão muito ligados e muitas vezes são constituídos ou constituem-se mutuamente. O segundo desafio seria a frequente confusão existente entre finalidade de um texto e seu modo de organização. E, finalmente, o terceiro desafio diz respeito às marcas linguísticas recorrentes em um texto as quais poderiam levar o analista à classificá-lo como pertencente a determinado modo de organização.

Sendo assim, determinados critérios de análise, tais como a utilização de certas categorias gramaticais, a temporalidade dos verbos, a natureza semântica do agente de uma ação, não poderiam por si só determinar uma ordem discursiva e, tampouco, caracterizar um texto, uma vez que não podemos desconsiderar o caráter fundamental da situação de comunicação dialógica dos enunciados e da compreensão responsiva entre os interlocutores.

É nesse sentido que se faz desejável que as classificações, sejam elas de gênero, modo ou situação, não devam ser consideradas categorias estanques, dado que as fronteiras que as definem são bastante fluidas e podem exigir uma maior quantidade de variáveis para que outros fatores, igualmente importantes, façam parte das análises, inclusive a presença do próprio pesquisador, que na maioria das vezes é ocultada, fato considerado por Bakhtin: “(...) o entendedor (inclusive o pesquisador) se torna participante do diálogo ainda que seja em um nível especial ( em função da tendência da interpretação e da pesquisa)” (BAKHTIN, 2011, p. 332).

Tendo em vista os problemas de análise supracitados, Charaudeau (2008, p. 111) define o modo de organização descritivo em oposição a outros modos, sobretudo ao modo narrativo. Assim, a *descrição* seria *estática*, fora do tempo e da sucessão dos acontecimentos; o *relato*, por sua vez, seria *dinâmico*, inscrito no tempo, descrevendo a sucessão das ações. Entendemos, no entanto, que muitas vezes há elementos que determinam a dinamicidade das descrições, construída pelo modo verbal, por exemplo.

O modo *Descritivo* dependeria, segundo o teórico anteriormente citado, de três componentes autônomos e indissociáveis para sua identificação, são eles: nomear, localizar-situar e qualificar. Tais componentes são analisados em procedimentos de configuração da descrição, apesar de também serem utilizados de forma *livre e não arbitrária*. Livre pelo fato de não permitir a limitação por uma lógica interna, como fazem os outros modos, e não arbitrária pelo fato de toda e qualquer descrição estar relacionada com os outros modos de organização. (CHARAUDEAU 2008, p. 117)

Os componentes supracitados suscitam procedimentos de caráter discursivo, e linguístico. Podemos organizá-los com base em Charaudeau (2008) da seguinte forma:

**QUADRO 1 – Procedimentos discursivos e linguísticos dos componentes descritivos**

Componentes	Procedimentos discursivos	Procedimentos linguísticos
Nomear	Identificação genérica, identificação específica, caracterização identificatória, recenseamento, informação a respeito da identidade de um ser	Denominação, indeterminação, atualização (ou Concretização), dependência, Designação, quantificação, enumeração,
Localizar		Identificação precisa ou imprecisa dos lugares e da época
Qualificar	Finalidade de definir, finalidade de explicar, finalidade de incitar, finalidade de contar,	Acumulação de detalhes e de precisões de tipo factual sobre maneiras de ser e fazer; utilização da analogia (implícita ou explícita)

Fonte: CHARAUDEAU, 2008.

A utilização desses componentes pelo Sujeito Comunicante (SC) pode produzir certo número de efeitos, dentre os quais se encontram: efeito de *saber*, efeitos de *realidade e ficção*,

efeito de *confidência* e efeito de *gênero*. Porém, tais efeitos são considerados apenas possíveis, pois a instância de recepção pode percebê-los ou não. Somente poderíamos afirmar, a partir da proposta de Charaudeau, que a instância de produção, ou seja, o SC, apresentaria em sua enunciação intenções para com a formulação daqueles efeitos através das escolhas procedimentais de componentes descritivos.

Tendo em vista tal perspectiva mais ou menos simétrica da linguagem, baseada na decodificação de intencionalidades e onde o ato de comunicação se constrói externamente ao ato de produção de sentido, gostaríamos de contrapor essa argumentação àquela, que acreditamos mais fiel à realidade da construção dialógica de sentido, desenvolvida por Bakhtin.

De acordo com Bakhtin, os enunciados não podem ser entendidos de fora, pois a compreensão deles e das relações dialógicas estabelecidas entre eles é, inevitavelmente, dialógica. Além disso, em diferentes épocas e sob diferentes concepções de mundo, tal compreensão responsiva idealmente verdadeira adquire sentidos e expressões ideológicas concretas e diversas.

O autor nunca pode deixar plenamente a si mesmo e toda a sua obra feita de discurso à mercê plena e definitiva dos destinatários presentes ou próximos (porque até os descendentes mais próximos podem equivocar-se), e sempre pressupõe (com maior ou menor consciência) alguma instância superior de compreensão responsiva que possa deslocar-se em diferentes sentidos (BAKHTIN, 2011, p. 333).

Mesmo que os fatores e variáveis acima expostos interfiram na compreensão responsiva de enunciados, é possível dizer algo sobre a quem os enunciados se destinam, pois “todo enunciado tem sempre um destinatário (de índole variada, graus variados de proximidade, de concretude, de compreensibilidade, etc.), cuja compreensão responsiva do autor da obra de discurso procura e antecipa” (BAKHTIN, 2011, p. 333). Nesse sentido, acreditamos que poderíamos, a partir da análise dos enunciados, construir projeções de destinatários para os enunciados analisados.

A partir das propostas de Vladimir Propp (1970) e da concepção de texto como cena espetacular, a Semiótica desenvolveu seu modelo de organização narrativa, o esquema narrativo canônico. Charaudeau (2008) não trabalha com base em todas as categorias e percursos semióticos, ele pretende apresentar noções relativas ao fenômeno da narratividade, que necessitam de exame quanto a seu valor operatório.

O que é por esse teórico pretendido seria colocar em evidência os componentes e procedimentos presentes no modo de organização narrativo, cuja combinação possibilite uma

melhor compreensão das múltiplas significações de um texto particular, incluindo os componentes discursivos que não estariam no foco de análise semiótica.

Segundo Charaudeau (2008), o discurso construído pelo modo de organização descritivo mantém-se integralmente, ao contrário do discurso Narrativo, apresentando-se em dois níveis: uma *estrutura lógica* subjacente à manifestação e uma *estrutura semantizada*. Esse discurso segue as regras do *princípio de fechamento* e da lógica sintática que permite operações de *redução* ou de *amplificação* em torno da estrutura lógica da narrativa (CHARAUDEAU, 2008, p. 157).

A organização da lógica narrativa é baseada em: *actantes*, *processos* e *sequências*. Os *actantes* desempenham papéis relacionados à ação da qual dependem; os *processos* oferecem orientação funcional às ações e, por último, as *sequências* integram processos e actantes numa finalidade narrativa segundo certos *princípios de organização*.

Os *actantes* são organizados, por sua vez, de acordo com os papéis narrativos, hierarquização (sob o ponto de vista de sua natureza ou de sua importância na trama narrativa da história) e qualificações.

Os processos são unidades de ação que se correlacionam com outras ações, motivadas por uma intencionalidade e, transformados em função narrativa. A função narrativa pode gerar benefício ou prejuízo. Também são observadas a hierarquização, que diz respeito à ordem com que as funções narrativas estão dispostas, e a qualificação de um processo, ou seja, o grau de semantização que se pode atribuir a um processo.

É necessário, ainda, que a narrativa obedeça a alguns princípios de organização, os quais seriam, de acordo com Charaudeau (2008, p. 166): princípio de coerência, princípio de intencionalidade, princípio de encadeamento e princípio de localização. Assim, a partir de um processo de encenação da lógica narrativa que prescreva tais princípios, teremos a *configuraçãonarrativa*. Tal configuração leva em conta especificidades semânticas que vêm preencher os arquétipos da trama narrativa para convertê-la em uma história contada, que será sempre singular (CHARAUDEAU, 2008, p. 176).

Dessa forma podemos descrever, conforme Charaudeau, quais seriam os procedimentos que estariam ligados aos princípios de intencionalidade, de organização, de encadeamento e de localização. Os procedimentos ligados à motivação intencional são responsáveis por atribuir ao agente de uma sequência narrativa uma intenção de agir (agente voluntário) ou, ao contrário, uma ausência de intenção (agente não voluntário), sendo que, neste caso, este agente poderia agir em função de uma influência (manipulação) de outro

agente que poderá ser humano (manipulação humana) ou não humano (manipulação sobrenatural).

Os procedimentos ligados ao princípio de encadeamento estão ligados à cronologia, pois se relacionam ao agir sobre a ordem e as relações de causalidade das sequências entre si. Quando há um encadeamento das sequências apresentado de forma contínua, essas se sucedem de modo progressivo (*cronologia em progressão*) ou de modo invertido (*cronologia em inversão*). Quando, porém, o encadeamento das sequências é apresentado de maneira descontínua, a sucessão das sequências pode ser interrompida por uma descrição (*em expectativa*) ou pelo desenvolvimento de outra série de sequências (*em alternância*).

Procedimentos ligados à localização espaço-temporal dependem do princípio de localização e constituem a situação no tempo (passado, presente) e a localização no espaço (fechado/aberto e deslocamento/fixação).

Fiorin (2003) institui, baseado em Benveniste (1970), determinados tempos verbais que seriam os responsáveis por determinar a enunciação a partir da tríade *ego-hic-nunc*. Assim, poderemos obter categorias que nos auxiliarão a precisar os atos alocutivos, delocutivos e elocutivos, descritos por Charaudeau (2007).

Benveniste (1974) estabelece que o tempo linguístico possui uma característica peculiar, que seria estar ligado ao exercício da fala, uma vez que estabelece como centro o presente da instância da fala. No momento em que um falante toma a palavra, instaura um *agora*, momento da enunciação, assim esse *agora* é reinventado a cada vez que o enunciador enuncia, é a cada ato de fala um tempo novo, ainda não vivido.

A temporalidade linguística marca, desse modo, as relações de sucessividade entre os eventos representados no texto e ordena a progressão no sentido em que estabelece, quais seriam, anteriores, concomitantes e posteriores. Baseado nisso, Fiorin (2003) estabelece a existência de três momentos significativos para a determinação do tempo linguístico, seriam eles:

ME – momento da enunciação

MR – momento de referência (presente, passado e futuro)

MA – momento do acontecimento (concomitante, anterior e posterior a cada um dos momentos de referência)

Assim, conclui-se que o tempo seria uma categoria linguística responsável por estabelecer se um acontecimento é concomitante, anterior ou posterior a cada um dos momentos de referência estabelecidos com referência ao momento da enunciação (FIORIN, 2003, p. 167).

Com relação ao espaço, os objetos seriam localizados, assim como o tempo, a partir daquele que enuncia. Portanto, ainda de acordo com Fiorin, o espaço linguístico não seria o espaço físico organizado a partir das categorias geométricas, mas sim aquele, expresso através dos demonstrativos ou advérbios de lugar, onde a cena enunciativa se desenrola.

Através das descrições em grades dos componentes linguísticos encontrados no *corpus* desta pesquisa, poderemos obter dados importantes que nos auxiliarão a buscar possíveis respostas para nossa pergunta de partida. Por isso, acreditamos que os Modos de Organização do Discurso, bem como categorias da semiótica, nos fornecerão categorias interessantes para que tal análise seja factível.

## 2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise do Modo de Organização do Discurso Descritivo também contribuiu para o esboço preliminar da(s) imagem(s) de leitores dos jornais em questão. Vale ressaltar que a descrição está também sujeita a interpretações subjetivas realizadas a partir da decisão do sujeito descritor e da imagem que ele faz de seu destinatário. A análise da descrição nas manchetes dos jornais *BILD* e *SUPER* foi baseada na seguinte grade:

**GRADE 1 – Modo de Organização Descritivo**

Manchetes	Identificações	Qual.	Local.	Quant.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Nota-se que a grade acima contém os procedimentos de configuração da descrição apresentados por Charadeau (2008), são eles:

- O componente nomear, que faz com que um “ser seja”, suscitando *procedimentos de identificação*
- O componente qualificar, que faz com que um “ser seja alguma coisa” – através de suas qualidades e comportamentos-, suscitando procedimentos de *construção ora objetiva, ora subjetiva* do mundo
- O componente localizar, que faz com que um “ser esteja”, suscitando *procedimentos de construção objetiva* do mundo

O elemento “quantificações” presente em nossa grade foi acrescentado, embora estivesse presente na categoria “nomear”, de acordo com Charadeau, pareceu-nos interessante, uma vez que o uso de quantificadores, sobretudo os *imprecisos*, pode

permitir a produção de efeitos discursivos de subjetividade, dado este relevante no que tange à construção de imagens de leitores dos jornais.

## 2.1 Procedimentos de identificação

Os procedimentos de identificação consistem em fazer existir os seres no mundo, nomeando-os. Assim, os seres podem ser nomeados por nomes comuns que os individualizam e os fazem pertencer, ao mesmo tempo, a uma classe – *identificação genérica* -, mas podem igualmente ser nomeados, em sua unicidade, por nomes que lhes são próprios – *identificação específica*.

Desse modo, classificamos os procedimentos de identificação como genéricos ou específicos, o que nos permite recolher dados interessantes para a análise do leitor-Destinatário do mesmo, já que identificações genéricas poderiam levá-lo, por exemplo, a reconhecer-se no fato noticiado: “*Acidentes matam quatro pessoas em rodovias mineiras*” (SUPER, 11/10/08). Poderíamos afirmar que tal ato de comunicação circunscreveria a finalidade de informar a que a instância de produção se propõe. No entanto, segundo Emediato (2007), transmitir um saber a quem não o possui é apenas uma parte da finalidade do discurso da informação jornalística. Assim, as continuações ou os encadeamentos discursivos evocados pelo segmento também descrevem interpretações e solicitam competências de seus leitores, o que nos auxilia na construção da imagem destes leitores. Assim, o segmento não informa apenas um fato, ele tende a qualificar o mesmo, pragmaticamente: *cuidado! As rodovias mineiras estão perigosas!* A identificação genérica das vítimas (quatro pessoas) e das rodovias (rodovias mineiras) acionam ao mesmo tempo as leis de proximidade geográfica (o que está mais perto do leitor e o implica mais) e psicossocial (o que implica mais os seus afetos e necessidades).

Competências referenciais também são requisitadas ao leitor, dadas as referências anafóricas que alguns títulos fazem como o seguinte: “*Agressor do metrô se apresenta para a polícia*”<sup>1</sup> (BILD, 11/10/08). Segundo Emediato (1996), quando o objeto de referência apresenta-se de forma genérica, leva o leitor a construir inferências no interior de algum universo de referência, associando um ser já conhecido a uma classe de seres. No título acima, embora o SN *Agressor do metrô* não esteja definido (atualizado pelo artigo definido), trata-se de uma prática corrente em nosso jornalismo (a atualização zero, sem artigo), mas a

---

<sup>1</sup> „U-Bahn-Schläger stellt sich“

construção solicita do leitor o conhecimento prévio do agente agressor. Além disso, parece reforçar a construção de uma classe genérica (o agressor de metrô). Novamente o leitor é implicado e levado a questionar a própria segurança (*o metrô de que o leitor é usuário; o agressor que ataca por ali*).

No entanto, há outros objetos identificados também genericamente, mas que atribuem um referente concreto ou individual na realidade, e não podem ser associados a uma classe. É o que ocorre, por exemplo, com a manchete abaixo, encontrada no *Super*: “*Empresário do ‘bibi, bibi e bibi’ é preso novamente bêbado*” (*SUPER*, 07/10/08). Trata-se, aqui, de identificar genérica exemplar (um indivíduo, exemplo de empresário) que busca acionar a memória do leitor sobre comportamento anterior desse mesmo indivíduo, já publicado em edição anterior. Tal nominalização possui, portanto, efeito *anafórico*.

Notamos que a recorrência de nominalizações é consideravelmente maior no jornal alemão *BILD*, e tais nominalizações, segundo Emediato (1996), possuem, em geral, valor anafórico, como é o caso da manchete a seguir: “*KSK fora do Afeganistão*”<sup>2</sup> (*BILD*, 07/10/08).

Aqui, o leitor precisa não só reconhecer o referente de KSK, como também o sentido de “do Afeganistão” (do país ou do conflito).

Com relação às identificações específicas, estas são feitas através de um nome próprio inserido no contexto do enunciado e na situação comunicativa, uma vez que o papel do conhecimento enciclopédico do leitor revela-se de fundamental importância para a produção dos efeitos contextuais que atuam sobre determinada identificação. (EMEDIATO, 1996). As análises de identificações específicas podem ser exemplificadas abaixo: “*Riester confessa que errou*”<sup>3</sup> (*BILD*, 06/10/08); “*Giovana Antonelli: atriz de ‘três irmãs’ vive o melhor momento de sua carreira*” (*SUPER*, 08/10/08).

Desse modo, as identificações específicas podem indicar diferenças bastante significativas entre os jornais em questão, uma vez que o *Super* faz o uso de identificações específicas sempre que noticia um fato do mundo das celebridades. Assim, em todas as edições é trazida estampada na capa a foto de uma mulher famosa vestindo trajes sensuais e, acompanhando esta figura, há uma manchete que identifica a mulher e traz algum conteúdo relacionado ao universo da beleza ou da fama. As demais identificações específicas encontradas dizem respeito ao universo da política, do futebol ou então localizam regiões. As

---

<sup>2</sup> „KSK raus aus Afghanistan“

KSK - Kommando Spezialkräfte - . É uma unidade de operações especiais do Exército alemão

<sup>3</sup>“Riester räumt Fehler ein”

identificações específicas vinculam-se a universos referenciais (política, esportes) ou a contextos espaciais (Ribeirão das Neves, Contagem). Assim, exigem do leitor o reconhecimento desses contextos e universos referenciais. Os universos referenciais ativados pelas identificações específicas no jornal *BILD* foram os seguintes: político, esportivo, religioso, econômico, fenômenos da natureza e mundo das celebridades. Tabulando os dados obtidos na análise do Modo Descritivo, obtivemos o seguinte resultado:

**TABELA 1 – Cálculo percentual de identificações genéricas e específicas encontradas no jornal *BILD***

Identificações genéricas	Identificações específicas
53,4 %	45,4 %

Fonte: Elaborado pelo autor.

Total de manchetes = 88

**TABELA 2 – Cálculo percentual de identificações genéricas e específicas encontradas no jornal *SUPER***

Identificações genéricas	Identificações específicas
64,8 %	35,1 %

Fonte: Elaborado pelo autor.

Total de manchetes = 37

Observa-se que o jornal *BILD* apresenta tendência ao equilíbrio entre as identificações analisadas, já que a diferença percentual entre elas foi de 8%. No entanto, o jornal *SUPER* esboça uma preferência maior pelas identificações genéricas, apresentando uma diferença aproximada de quase 30% entre as identificações acima citadas.

A partir da análise qualitativa dos dados, pode-se perceber que as manchetes do *SUPER* trazem identificações genéricas que buscariam produzir efeitos que não pertencem somente à esfera de intenção informativa, uma vez que o efeito de anonimato e ao mesmo tempo de categorização dos seres em classes buscam criar um traço de comportamento generalizado de tais classes, ou então fazer produzir efeitos de identificação entre o leitor e a classe que está em foco. Outro tipo de identificação promovido pelo jornal pode ser reconhecido na seguinte manchete: “*Mulheres* são vítimas de *homens* em mais dois crimes passionais” (*SUPER*, 08/10/08). A ausência de identificação específica das duas classes de actantes, mulheres e homens, implica mais fortemente o leitor, pois, em sua leitura, poderia seguir a direção da generalização em que seria razoável deduzir que outras mulheres poderiam

também ser vítimas de homens em crimes passionais. Isso equivale a afirmar que as identificações genéricas, pelo seu efeito potencial de generalização, vão além do fato para torná-lo um exemplo de um problema de sociedade. Assim, o leitor é convidado a se localizar no centro da experiência exemplar.

Segundo Emediato (1996), tal tipo de identificação teria como efeito a generalização de seus referentes, produzindo assim grande efeito de captação, seja ele por implicar certo coletivo social correspondente, seja por generalizar ou tornar ambíguo seu referente.

Dentro da categoria de identificações genéricas, podemos citar um dado interessante que muito contribui para a comparação entre os dois jornais em questão: as nominalizações ou atos de referência, como nomeia Searle (1981), uma vez que tais atos parecem ser mais recorrentes no jornal *BILD*. No caso da seguinte nominalização: “Aumento de salário abocanhado”<sup>4</sup> (*BILD*, 09/10/08). A expressão “aumento de salário” aparece como uma identificação, como fato ocorrido. Assim, tal expressão é veículo de uma referência dada ao leitor como fato consumado em um aspecto resultativo.

## 2.2 Procedimentos de qualificação

O uso desta categoria de Charaudeau (2008) auxilia nossa análise ao identificar visões objetivas ou subjetivas inseridas no conteúdo semântico da manchete que podem desencadear certo número de efeitos possíveis no momento em que a enunciação se atualiza para o leitor.

A qualificação constitui-se o segundo tópico de categorias a serem analisadas na grade 1 – Modo de Organização Descritivo - e é orientada pela identificação de procedimentos que atuam na qualificação de agentes ou não-agentes das manchetes.

Tanto o jornal *SUPER* quanto o *BILD* apresentaram recorrências significativas de qualificações, como demonstra o resultado a seguir:

**TABELA 3 – Cálculo percentual de qualificações subjetivas encontradas nos jornais *BILD* e *SUPER***

Jornal <i>BILD</i> – total de manchetes = 88	Jornal <i>SUPER</i> – total de manchetes = 37
Qualificações subjetivas: <b>18,1 %</b>	Qualificações subjetivas: <b>13,5 %</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Faz-se interessante ressaltar que as qualificações feitas pelo jornal *SUPER* são, em sua maioria, *qualificações do ser*: o uso de expressões qualificativas (‘linda’, ‘melhor’, “com

<sup>4</sup> “Lohnzuwachs aufgeessen”

tudo”, “é só alegria”) explicita a apreciação do enunciador jornalístico e a imagem que ele constrói para si do destinatário como um leitor apreciativo.

Por sua vez, as qualificações do *BILD* revelam-se mais diversificadas, apresentando-se como qualificações do *ser*, do *fazer* e de *estados de coisas*. Faz-se interessante ressaltar que a escolha dos verbos também é um procedimento de qualificação importante para a geração de sentido qualificativo. Alguns efeitos subjetivos, bem como intenções podem ser extraídos da escolha dos verbos ou participios nas manchetes, uma vez que eles servem muitas vezes para qualificar negativa ou positivamente as ações dos atores envolvidos, como podemos observar em: “Koch *ataca* SPD” (*BILD*, 07/10/08).

Verbos como “atacar” (verbos de atitude) denotam um julgamento de valor, uma ação interpretativa da instância de produção na ação de relatar, em geral, ações locutórias como atitudes (discurso relatado narrativizado): “Riester *confessa* que errou” (*BILD*, 06/10/08)\* Riester *disse* que errou. O verbo “confessar” também inscreve um julgamento de valor, na medida em que, se o sujeito confessou, isto pode significar que ele estava a esconder algo que não queria admitir, mas do qual estava ciente. Observa-se que a manchete hipotética logo abaixo da manchete real inscreveria outra interpretação, mais objetiva do fato.

Uma vez que dizer que errou pode significar que ele reconheceu o erro e não hesitou em pronunciar que errou. Já na manchete acima, confessar que errou inscreve um caráter subjetivo (de atitude) à manchete na medida em que a instância de produção relata tanto o fato do erro, como seu reconhecimento anterior ao pronunciamento, por aquele que confessou, como se este estivesse querendo esconder a verdade, mas foi pressionado a confessá-la. Confessar é admitir a culpa.

### 2.3 Procedimentos de localização

A terceira categoria que figura em nossa análise do M.O.D. descritivo é a de *localização*. Localizar/situar é determinar o lugar que um ser – ou um estado de coisas - ocupa no espaço e no tempo, o que acaba por configurar um recorte mais objetivo do mundo, onde o uso de determinadas categorias de língua tem por efeito fornecer ao relato um enquadre espaço-temporal, lidando, desta forma, com a precisão, o detalhe e a identificação dos lugares e do tempo de determinado relato.

A utilização desse elemento na construção das manchetes acaba por gerar ‘efeitos de realidade’ sobre elas, uma vez que os dados informados identificam melhor o acontecimento e, dessa forma, legitimam a veracidade do fato noticiado. Nesse caso, podemos configurar a

instância de produção como testemunha do fato, concordando com Charaudeau (2007), uma vez que desempenha o papel de ‘portadora de fatos verossímeis’, na medida em que seu relato aparenta conter o objetivo de dizer o que viu e o que ouviu.

Nesse sentido, a categoria de localização tende a provar a ‘autenticidade’ ou a ‘verossimilhança’ dos fatos noticiados. A ‘autenticidade’ caracteriza-se pela possibilidade de atestar a própria existência dos seres do mundo, que conta também com a presença das imagens para a identificação dos mesmos. A ‘verossimilhança’ caracteriza-se pela possibilidade de se reconstituir analogicamente, quando o mundo não está presente e os acontecimentos já ocorreram, a existência possível de um fato. (CHARAUDEAU, 2007).

Tal validação auxilia a construção de um real de suposição, de ordem alética, sendo a verdade algo da ordem do possível. Ao analisarmos tal categoria nas manchetes, consideramos que tanto a localização espacial quanto a temporal estariam incluídas, mas observamos uma ocorrência mais frequente de localizações espaciais e estas apareceram em maior grau no jornal *SUPER*. Há notoriamente uma grande preocupação no jornal *SUPER* em destacar os locais, sendo esses representados em sua maioria pelos bairros da região metropolitana de Belo Horizonte/MG. A seguir destacaremos os resultados auferidos pela análise da categoria ‘localização’ na grade descritiva.

**TABELA 4 – Resultados da análise da categoria de ‘Localização’**

<i>BILD</i> – total de manchetes = 88	<i>SUPER</i> – total de manchetes = 37
Total de localizações: <b>25 %</b>	Total de localizações: <b>72,9 %</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se que o resultado encontrado é bastante significativo na análise de ambos os jornais, o que nos leva a pensar que o componente ‘localizar’ poderia configurar-se como dado relevante a ser considerado pelo leitor do jornal *SUPER*, funcionando como uma espécie de identificação do leitor com o espaço onde algo está sendo noticiado, uma vez que os locais e bairros e/ou cidades apresentados são pertencentes a regiões periféricas de Belo Horizonte, considerados como a Grande BH, supostamente bairros e/ou cidades por onde os leitores do jornal teriam maior identificação ou implicação, tais como: Ribeirão das Neves, Ibirité, Contagem, Betim, Carlos Prates, Novo Cruzeiro. Essa regularidade na localização espacial relacionada a certos temas coloca em evidência uma figuração da instância de recepção (figura de destinatário) pela instância de produção do discurso vinculada à lei de proximidade local ou geográfica.

Com relação a localizações territoriais, o *BILD*, embora seja um jornal de edição local, assim como o *SUPER*, não apresentou nenhuma ocorrência de manchetes que, como o *SUPER*, diziam respeito a bairros ou localidades próximas da região de sua cobertura.

Assim, podemos esboçar um perfil de leitor bastante diferente entre os dois jornais, uma vez que o leitor de *SUPER* parece interessar-se mais pelos acontecimentos que lhe estão mais próximos no espaço, que lhes parece atingir mais diretamente e não se configura como alguém interessado em política externa, como é o caso das manchetes de *BILD* que noticiam conflitos internacionais. No entanto, cabe lembrar que o fato de a Alemanha ter se envolvido militarmente no Plano de Paz para o Afeganistão poderia ser um fator pelo qual os leitores, principalmente os da região de Thüringen – onde parte do contingente militar encontra-se estacionado na região afegã -, demonstrariam interesse, por lhes atingir diretamente. Mais uma vez, torna-se relevante estudos futuros que investiguem a Recepção em campo a fim de procurar fornecer dados mais próximos à realidade que circunscreve os meios sociais.

Esse imaginário da pertinência local representa uma das leis de proximidade jornalística: a lei de proximidade geográfica (o que está mais próximo geograficamente do leitor tem mais relevância). Nota-se, assim, que essa lei (de proximidade geográfica) parece ser mais extensa para o leitor alemão do *BILD* que para o leitor brasileiro do *SUPER*. Outro fator também deve ser considerado: o envolvimento direto da Alemanha, no caso do conflito com o Afeganistão, bem como a situação atual em que a Europa se encontra na União Europeia, implicando, assim, que os acontecimentos se tornem “transfronteiras”, afetando a todos os membros, indiscriminadamente.

Há também um fator que deve ser levado em consideração nesta análise da caracterização dos leitores pelas instâncias de produção, que é a diferença em relação à localização do Brasil e da Alemanha que poderia ser um fator de interferência a influenciar a pertinência da notícia nestes dois polos diversamente situados.

Consideramos que o fato noticiado apresentado no jornal representa o que a instância de produção considera como relevante para seu leitor-ideal e é a partir destas configurações que acreditamos ser possível desenhar uma imagem de leitor-ideal dos jornais, uma vez que a escolha dos conteúdos e o tratamento da informação estão relacionados com a identidade dos leitores (BALLE, 1980), e que o sistema midiático é definido por Michel Mathien (1998) como sendo um conjunto de práticas que opera no sistema social e produz, portanto, produtos adaptados ao meio ambiente.

No *SUPER*, tal estratégia de captação demonstra-se mais explorada, como podemos observar na manchete a seguir: “Polícia apreende 52 kg de crack escondidos em balões de

*festa*” (*SUPER*, 10/10/08). Nesse exemplo, fica evidente a dramatização proveniente do espaço em que a droga foi localizada, aproveitada pelo jornal e passível de desencadear emoções nos leitores, através do riso ou mesmo do medo, uma vez que os balões de festa são sinônimos de festividade, alegria, e que sua utilização para fim criminoso o retirou de seu local comum de interpretação, levando a um estranhamento.

A partir desse exemplo podemos avaliar quais competências foram solicitadas aos leitores para que pudessem validar o contrato de comunicação. Nesse sentido, parece ser mais exigido do leitor do *SUPER* que ele seja dotado de ‘competência praxeológica ou situacional’, a fim de reconhecer e validar lugares da situação e seus esquemas de ação, ao passo que a exigência do *BILD* pautou-se na ‘competência axiológica’ como pré-requisito de uma validação, dado que o leitor deveria ser levado a reconhecer e validar saberes de crença.

#### 2.4 Procedimentos de quantificação

Entendemos que a grade 1, que busca analisar as manchetes de acordo com o M.O.D. descritivo, é fornecedora de informações que contribuem com o processo de identificação da manchete pelo sujeito-leitor. Essa última categoria, a da quantificação, exige que o leitor seja capaz de identificar o objeto a partir da enunciação da manchete. Esse processo de identificação pode estar diretamente ligado à objetividade, uma vez que, ao fornecer informações detalhadas acerca do fato, pretende-se não deixar lacunas para a dúvida ou ambiguidade.

Ao quantificar, o jornal busca também expressar uma credibilidade a seu respeito, bem como a legitimação do que está sendo noticiado. E demonstra também que o leitor se interessa pela informação mais detalhada, o que o auxilia na construção imagética dos fatos, seja porque a instância de produção não acredita que ele seja capaz de imaginar o que se noticia, seja para produzir emoções.

A ocorrência de quantificações pode ser demonstrada através da seguinte tabela:

**TABELA 5 – Resultados da análise da categoria de “quantificação”**

<i>BILD</i> – total de manchetes: 88	<i>SUPER</i> – total de manchetes: 37
quantificações = 12, 5 %	quantificações = 37,8 %

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir dos dados acima, observa-se uma ocorrência quase 4 vezes maior de quantificações no jornal *SUPER* do que no *BILD*. As quantificações do *SUPER*, em sua

maioria, buscam descrever e quantificar as ações de violência que nas manchetes se encontram expostas, como podemos observar a seguir: “EXECUTADO AO LADO DA NAMORADA: Comerciante é assassinado com *oito* tiros quando conversava dentro do carro na porta da casa da jovem, em Contagem” (*SUPER*, 09/10/08). A quantificação feita a partir da descrição da quantidade de tiros disparados contra a vítima é identificada como uma visada de captação com vistas à dramaticidade do fato em questão. Dessa forma, busca-se atingir um maior número de consumidores da informação dramatizada, até porque o jornal não possui a modalidade de assinantes, de modo que a capa acaba por fazer o marketing do jornal com vistas à captação de seus leitores potenciais.

Sendo assim, quanto maior for o número de leitores a atingir, principalmente quando estes não são cativos *a priori*, menos os meios para atingi-los dependem de uma atitude racionalizante. (CHARAUDEAU, 2007)

Segundo Charaudeau (2007), as mídias, em sua visada de informação, confrontam-se permanentemente com um problema que diz respeito à ‘credibilidade’, pelo fato de basearem sua legitimidade no que ele descreve como fazer crer que o que é dito é verdadeiro. Assim, as mídias encontram-se engajadas num jogo da verdade, que consistiria em corresponder aos diferentes imaginários sociais que as questionam.

Christa Berger (1997, p. 91) caracteriza a realidade produzida pela mídia como dotada da estrutura do gênero ficcional, justamente pela produção que inclui a criação de personagens e um tipo de contrato com o leitor. No entanto, a mídia deve se desvencilhar da ficção, uma vez que a informação é produzida para ser verossímil e crível. “Pela verossimilhança é que a informação compõe o campo de credibilidade e de verdade que habilita a mídia ao exercício de sua função de ‘expositor do real’”.

Desse modo, dizer o exato é dar a impressão de controlar o mundo no instante em que ele surge, “e nada nem ninguém poderia se opor a essa verdade capturada no momento em que sai da fonte; eis porque as mídias estão sempre em busca da transmissão direta” (CHARAUDEAU, 2007, p. 90).

A quantificação, portanto, pode apresentar-se com intenções bastante diferentes com vistas a captar seus leitores, o que nos remete à formação de uma imagem de leitor do jornal *SUPER*, mais suscetível às estratégias de captação adotadas pela instância de produção. Isso não acontece com tanta frequência no jornal *BILD*.

O *SUPER* parece desenvolver uma imagem de leitor que pode ser mobilizado pela afetividade que a manchete transmite, o que desencadearia o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida.

Para Charaudeau, a instância midiática interessada em satisfazer tal princípio da emoção deve proceder a uma encenação sutil do discurso de informação, baseando-se, ao mesmo tempo, nos apelos emocionais que prevalecem em cada comunidade sociocultural e no conhecimento dos universos de crenças que nelas circulam, já que as emoções são “um infável aleatório”. As crenças são socializadas e resultam da regulação coletiva das trocas.

Tal regulação, por um lado, seguiria os movimentos da afetividade e, paralelamente, as representações que atribuem valores às condutas e às reações emocionais.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha por analisarmos dois jornais populares pertencentes a duas realidades socioculturais e geograficamente diversas motivou-se, principalmente, em virtude do preconceito existente em relação a tais mídias que, alheias a este fato, se encontram na atualidade em impressionante expansão e vêm conquistando, a cada dia, mais leitores interessados nesse tipo de jornal que, de forma simples e sintética, apresenta os fatos relativos aos acontecimentos.

A ênfase dada nos jornais populares analisados não incide sobre o caráter duvidoso e nem abarcam construções fantasiosas ou apelativas em relação à violência. Nossa análise temática foi capaz, de certa forma, de desconstruir o estereótipo comumente aplicado ao jornalismo popular, bem como apresentou diferenças em relação à construção de imagens de leitores nos dois países.

Com relação aos dados produzidos a partir da análise do M.O.D. descritivo, podemos também comparar o uso das identificações genéricas e específicas, retomando as tabelas 1 e 2, anteriormente apresentadas.

Observa-se que o jornal *BILD* apresenta tendência ao equilíbrio entre as identificações analisadas, já que a diferença percentual entre elas foi de 8%. No entanto, o jornal *SUPER* esboça uma preferência maior pelas identificações genéricas, apresentando uma diferença aproximada de quase 30% entre as identificações acima citadas.

Importante dado é gerado com relação às análises do *SUPER*, uma vez que o *BILD* apresenta uma tendência ao equilíbrio, pois, a partir da análise qualitativa dos dados, pode-se perceber que as manchetes do *SUPER* trazem identificações genéricas que buscariam produzir efeitos que não pertencem somente à esfera da intenção informativa, uma vez que o efeito de anonimato, e ao mesmo tempo de categorização dos seres em classes, buscam criar um traço

de comportamento generalizado de tais classes, ou então fazer produzir efeitos de identificação entre o leitor e a classe que está em foco.

As qualificações apresentaram-se, numericamente, próximas: 18,1% de qualificações subjetivas no *BILD* contra 13,5% no *SUPER*. No entanto, o *SUPER* apresentou suas qualificações apenas restritas aos comentários a respeito da mulher da capa, ao passo que o *BILD* não faz tal restrição, utilizando a qualificação em temáticas variadas. Esse dado revela haver uma delimitação de expressão subjetiva no *SUPER*. Ou seja, a apreciação não pode acontecer em ambientes reservados à notícia, fica limitado ao tema mulher-objeto, que aparece em todas as capas. Assim, a instância de produção tende a imaginar que o leitor interessado pela foto das atrizes aceita o subjetivismo concernente a esse tema.

Os procedimentos de localização e quantificação foram os que produziram dados mais divergentes entre os jornais em questão, retomando-se os dados apresentados nas tabelas 4 e 5.

Observa-se que a preocupação em localizar o fato noticiado é muito mais recorrente no *SUPER*, o que indica uma imagem de leitor que está preocupado em saber onde os fatos estão acontecendo. E, como as manchetes em que a localização se fez presente circunscreviam, em sua maioria, notícias relacionadas à violência, a localização torna-se importante para o leitor se identificar com o risco e perigo que corre circulando nessas regiões, que são a região metropolitana e a capital.

Diferentemente do *BILD*, não houve localizações que remetessem a identificações tão diretas quanto houve no *SUPER*. É claro que tal divergência pode ser explicada devido ao baixo índice de violência que a Alemanha apresenta se comparada ao Brasil. Assim, as localizações que apareceram no *BILD* implicaram uma cobertura regional maior, que abrangeu todo o território nacional e até mesmo internacional. Mesmo desconsiderando a baixa ocorrência de localização, um perfil diferente de leitor pode ser traçado com relação ao leitor do *SUPER*, pois aqueles parecem mais interessados em notícias de ordem mais global, denotando o caráter de leitores-cidadãos. Ao passo que os leitores do *SUPER* se limitariam a notícias com relevância local, denotando uma preocupação de ordem mais direta com relação a uma possível vulnerabilidade a que se encontrariam expostos, remetendo, assim, ao caráter individual desse sujeito-leitor.

Para finalizar a interpretação dos dados revelados pelo M.O.D. descritivo, exporemos a categoria da quantificação. Ao quantificar, o jornal busca também expressar uma credibilidade a seu respeito, bem como a legitimação do que está sendo noticiado. E demonstra também que o leitor se interessa pela informação mais detalhada, o que o auxilia

na construção imagética dos fatos, seja porque a instância de produção não acredita que ele seja capaz de imaginar o que se noticia, seja para produzir emoções. A partir da tabulação e análises qualitativas dos dados, observa-se uma ocorrência quase 4 vezes maior de quantificações no *SUPER* do que no *BILD*. As quantificações do *SUPER*, em sua maioria, buscam descrever e quantificar as ações de violência expostas pelas manchetes. Assim, a instância de produção projeta uma imagem de leitor que poderia estar vinculada ao interesse pela descrição minuciosa de determinados fatos e atos enunciados.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, M. F. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- AMOSSY, R. **Argumentation dans le discours**. Paris: A. Coli, 2006.
- ARANTES, P. C. C. **O jornal popular brasileiro e o Boulevardzeitung alemão**: análise do discurso jornalístico em produção e em recepção. 2013. 243f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- BALLE, F. **Médias et sociétés**. Paris: CEDIC, 1980.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- \_\_\_\_\_. A estética da criação verbal. 6ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BARROS, D. L. P. de. **Estudos do discurso**. In: FIORIN, J. L. (org.). Introdução à lingüística II (princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. 5ª Ed. Campinas: Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Trad. Ângela M.S.Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Trad. Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.
- DUCROT, O. **Le dire et Le dit**. Paris: Ed. Minuit, 1984.
- EMEDIATO, W. **O problema da informação midiática entre as Ciências da Comunicação e a Análise do Discurso**. In: MACHADO, I.L.; SANTOS, J.B.C.; MENEZES, W.A. Movimentos de um percurso em análise do discurso: memória acadêmica do Núcleo de Análise do Discurso da FALE/UFMG. Belo Horizonte: Nad-Fale-UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_. **Análise contrastiva da configuração lingüístico-discursiva de títulos de jornais brasileiros.** UFMG, 1996. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso.** São Paulo: Ática, 1989; 1995.

\_\_\_\_\_. **Pragmática.** In: FIORIN, J.L. (org.). *Introdução à lingüística II : princípios de análise.* São Paulo: Contexto, 2003.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia.** São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. **Astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo.** São Paulo: Ática, 2001.

LAGE, N. **A estrutura da notícia.** 6ª. Edição. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. **Linguagem jornalística.** São Paulo: Ática, 2002.

LANDOWSKI, E; BRANDÃO, E. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica.* SP: EDUC: Pontes, 1992.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso.** Campinas, SP: Pontes, 1993.

MATHIEN, M. **Le système médiatique: Le journal et son environnement.** Paris: Armand Colin. 1998.

ROCHA, L. C. A. **Estruturas morfológicas do português.** Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SEARLE, J. R. **Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem.** Coimbra: livraria Almedina, 1981.

SUNKEL, G. **Razon e passionem la Prensa popular: um estúdio sobre cultura popular, cultura de massas y cultura política.** Santiago del Chile: ILET, 1985.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TUCHMAN, G. **Contando estórias.** In: TRAQUINA, N. (org). *Jornalismo: questões, teorias e estórias.* 2º. Ed. Lisboa: Veja, 1999.